

RELATO DAS AULAS NO PERÍODO PANDÊMICO

Liliane Alves Madureira Ribeiro¹
Wellen Saldanha²

Estamos vivendo tempos muitos difíceis, mas cada educador tem a missão de transformar e a coragem é primordial. Coragem é o que precisamos para seguirmos em frente, pois as perdas que estamos tendo nos afetam muito.

Como professoras Alfabetizadoras, compreendemos que o ato de alfabetizar sempre foi um desafio e, neste momento de pandemia, é ainda maior. No contexto da pandemia da Covid-19, a alfabetização teve que acontecer de forma remota, em meio a um distanciamento social, e o ensino a distância virou rotina no ambiente escolar, pois o fechamento das escolas foi umas das primeiras medidas tomadas, e elas tiveram que se reinventar.

Lógico, que não foi e não está sendo uma tarefa fácil para os alunos, a família e professores. O vírus tornou-se um opressor e a reação dos educadores e educadoras guarda uma relação analógica com a opressão produzida pelos donos do poder. Segundo Freire (p.33, 1987), “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor”.

Os professores estavam todos acostumados com uma forma tradicional de ensinar dentro de quatro paredes, junto do discente e com a chegada do vírus foi preciso mudar a forma de ensinar, e foi necessário aprender com o “novo” cenário que estávamos passando: ensinar por tela e a distância.

Queremos, então, falar, um pouco sobre essa missão de alfabetizar, dentro de um contexto pandêmico, e as limitações existentes no processo de alfabetizar remotamente os alunos dos primeiros anos do Ensino Fundamental I.

A gestão da Escola organizou em grupos pelo aplicativo do *whatsapp* os alunos matriculados e, assim, que as professoras assumiram as salas, migraram para suas turmas. Foram organizadas estratégias de atendimento online e, para isso, enviamos um recado aos pais e/ou responsáveis sobre como seria o atendimento aos alunos.

¹ Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional numa Ação Transdisciplinar e Graduada em Pedagogia – UNIVAR. E-mail: lilianealves36madureira@gmail.com

² Pós-Graduação na Uniabeu - Centro Uniabeu – RJ e graduada em Pedagogia pela Universidade Severino Sombra – RJ. E-mail: wss10ster@gmail.com

Recado:

Senhores Pais/responsáveis,

Iniciaremos na próxima semana o Atendimento online pelo Google Meet, para seu filho(a) participar você deve:

➔ baixar no seu celular pelo PLAY STORE o aplicativo GOOGLE MEET;

➔ no dia e horário das aulas o professor passará o ENDEREÇO ELETRÔNICO no grupo do whatsapp* para que seu(a) filho(a) possa participar da aula;

➔ elas acontecerão nas TERÇAS e QUARTAS-FEIRAS no período já estabelecido no cronograma anterior com 1(uma) hora de duração;

Obs.: A participação do estudante nas aulas online e a efetiva realização das atividades é de suma importância para o seu desenvolvimento.

Contamos com a colaboração de todos, qualquer dúvida nos procure.

Atenciosamente,
Equipe Gestora!!!

Na primeira semana, ficamos um pouco apreensivas em ter que “ministrar aulas” por meio de um aplicativo. Nós, professoras dos primeiros anos, então, nos organizamos em mais um grupo no *whatsapp*. Nesse nosso grupo de professoras, as tarefas são divididas: pesquisas de conteúdo na internet, livros, produção de vídeos e o planejamento. Temos, ainda, o nosso livro didático como apoio.

Durante a semana, vamos trocando ideias e sempre fazemos videochamadas para planejar as aulas não presenciais, os conteúdos, atividades, os objetivos de aprendizagem. Quando terminamos o planejamento, solicitamos à coordenadora responsável pelo nosso grupo, para verificar todo o planejamento, que será enviado aos pais, após o visto dela.

É importante registrar que, temos como recursos pedagógicos: textos explicativos, vídeos, áudios, imagens, livro didático, fotos, caderno do aluno e histórias.

A primeira semana de atividades enviadas aos pais foi um tanto difícil. Na verdade, podemos falar em adaptação, tanto para eles, como para nos professores. Os pais não estavam habituados a uma rotina de estudo com os filhos. Ao enviarmos as atividades, pedimos que ao término da realização, nos enviassem a foto para dar o nosso feedback.

Recomendamos aos pais manter uma rotina de estudo, e realizar as atividades conforme estabelecido na transmissão, tendo em vista ações de flexibilização pedagógica, afinal, estão em casa e cada um tem a sua realidade.

Assim, como uma forma de estratégia, foi montando um cronograma de rotina de estudo para os alunos, conforme descrevemos, abaixo:

Entrega das atividades:

Dia: Quintas-feiras;

Horário: 13:00 às 17:00

Atendimento ao grupo todo pelo Google Meet;

Dia: Terças-feiras e quartas-feiras;

*Horário: 1h por dia;

Atendimento por grupo com três ou quatro alunos, pelo Google Meet:

Dia: Segundas-feiras e quintas-feiras;

Horário: 40 minutos por grupo.

Percebemos que, de certa forma, mesmo distantes fisicamente, estamos mais próximas dos alunos e dos pais. Há muitos pais com dúvidas em relação à escrita, à compreensão do enunciado das atividades e resoluções simples de matemática, e, assim, enviam-nos mensagens, pedindo auxílio.

As devolutivas acontecem, diariamente, conforme as dúvidas dos pais surgem ou quando postada a atividade realizada do dia. Uma minoria de pais resolveu não realizar as atividades. Segundo Freire (1996, p. 62),

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito é um isto ou aquilo, destratável ou desprezível.

Para as crianças que são assistidas pelos pais e que possuem internet em casa/computador fica mais fácil o seu aprendizado, já para aquelas crianças que não possuíam, não foi possível participar. Uma das razões é que os pais de um número significativo dos educandos chegavam em casa só à noite, não tinham tempo para ajudar e, mesmo os educadores procurando uma forma de auxiliar, acabaram ficando sem o que fazer, pois a forma seria enviar as atividades, mas e quem iria ajudar?

Quando a Pandemia foi decretada, todos nós acreditávamos que seriam somente uns dias de quarentena e não foi. Em sala de aula, presencialmente, já é difícil alfabetizar e ter a atenção destas crianças! Imaginem alfabetizar a distância, remotamente, por um aplicativo, de forma que, nós, professores, muitas vezes, não sabemos o que este aluno está fazendo ou se está fazendo corretamente. Às vezes, no momento da realização das atividades escolares, os familiares, em casa, ficam conversando perto da criança, contribuindo para que elas percam a atenção da tarefa a ser feita.

Sabemos que há muitos pais que trabalham fora de casa e têm que deixar os filhos com babás, avós ou outro familiar, sendo difícil ajudar no atendimento via *Google Meet*, ou, até mesmo, nas atividades enviadas para casa. De certa forma, percebe-se que, desde o momento em que iniciamos as aulas remotas, já houve uma progressão ao longo de todo

processo: percebemos que os pais estão mais interessados e estabelecendo rotinas de estudo, estão mais comprometidos com a educação dos filhos. Somos sabedoras do desejo dos pais e alunos que esse período passe logo e possamos voltar à rotina presencial da escola.

Essa vivência docente, de **professoras alfabetizadoras**, em tempos de Pandemia, nos faz entender muitas questões em relação ao trabalho docente. Falaremos sobre algumas dessas questões, a partir das ideias de Paulo Freire, um dos grandes Educadores do mundo. Em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire estabelece uma relação entre a alfabetização do ponto de vista bancário em que a transmissão do conhecimento do professor e seu aluno. Na concepção da educação bancária, o aluno não sabe nada e só vai para aprender com o professor – dono do saber - que trata o educando como um depósito.

A concepção bancária de educação nega o diálogo, à medida que na prática pedagógica prevalecem poucas palavras, já que “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados” (Freire, 1987, p. 68).

Buscamos relatar um pouco do cenário inserido nas escolas por causa do coronavírus, pois o surgimento fez com tivéssemos que enfrentá-lo, juntamente com o negacionismo, o terraplanismo, o pouco caso governamental e a ineficácia promovida por sua inação. Como na concepção bancária, o que se viu foi a educação sendo tratada como “puro treino, pura transferência de conteúdo, quase adestramento, puro exercício de adaptação ao mundo” (Freire, 2000, p. 101).

Como se não tivéssemos que enfrentar a questão psicológica, somos afrontados também com os problemas relativos à tecnologia e sua eficácia, com aqueles que nem acesso tem a ela, com os problemas relativos ao âmbito familiar, posto que muitas crianças ficam, por exemplo, com os avós sem estudos e condições mínimas para auxiliar seus netos.

Já os docentes também apresentaram dificuldades no uso das ferramentas tecnológicas, tendo que vencer a sua timidez, pois alguns tiveram que gravar aulas pelo aplicativo do *Google Meet* com alguns pais participando e, ainda, questionando as falas dos professores.

Podemos concluir que não foi fácil, mas tanto professores, estudantes e pais se adaptaram, construíram uma nova ponte a fim de vencer a pandemia e constituir um possível “novo normal” que integre realidade, sonho, esperança, outro mundo possível, empatia pedagógica, social, educacional, cultural, vivencial.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

